

## **Relato de experiência: o tratamento e a organização do acervo documental do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, Rio de Janeiro.**

Graciele Karine Siqueira \*, Marcus Granato \*\*, Ivan Coelho de Sá \*\*\*

### **Resumo**

O Curso de Museologia da Escola de Museologia da UNIRIO é oriundo do primeiro Curso de Museus criado no Brasil e também o mais antigo das Américas. A idéia de criação de um Curso de Museus remonta à criação do Museu Histórico Nacional - MHN, idealizado por Gustavo Barroso, em 1922. Dois fatos interligados, a criação do MHN e, na gestão de Rodolfo Garcia no museu, o advento do Curso Técnico de Museus, em 1932, gerido posteriormente por Barroso, ainda que separados por dez anos, materializam o nacionalismo característico do contexto das transformações políticas e ideológicas que repercutiram na área cultural, nesse período. Em 2005, foram criados o Projeto de Preservação da Memória da Museologia no Brasil e o Núcleo de Memória da Museologia - NUMMUS, ambos no âmbito da UNIRIO e com o objetivo de recuperar as referências, a história e a memória dos profissionais que atuaram e defenderam a causa museológica e os museus, bem como preservar e divulgar as informações/pesquisas produzidas sobre o tema. O NUMMUS vem desde então, trabalhando na coleta de documentos, na sua preservação, em pesquisas e divulgação por meio de publicações sobre a memória coletiva da Museologia e seus profissionais. Este trabalho apresenta um panorama do acervo sob guarda do NUMMUS e as atividades de conservação relacionadas, além de apresentar um breve histórico do Curso de Museus até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Museologia. Memória. Preservação.

**Experience report: the treatment and organization of the Center for Museological Memory in Brazil assets, Rio de Janeiro.**

### **Abstract**

The museology course at the School of Museology at UNIRIO university was originated from the first course of museums in Brazil and the Americas. The idea behind it dates back to 1922, when the National History Museum (Museu Histórico

Nacional – MHN), idealized by Gustavo Barroso, was founded. The opening of the museum and the advent in 1932 of the Technical Course in Museums under Rodolfo Garcia, which was later run by Barroso, were interrelated, despite the ten-year gap between them, as they were both products of the prevailing nationalism during this period of political and ideological change, which impacted on the area of culture. In 2005, the Project for the Preservation of the Memory of Museology in Brazil and the Center for Museological Memory (NUMMUS) were both established at UNIRIO with the purpose of retrieving the references, history and memory of the professionals who were active in and defended the cause of museology and museums, as well as preserving and communicating information and research on the topic. Since then, NUMMUS has been collecting documents, conserving, documenting and researching them, as well as communicating them via publications the retrieval and dissemination of the collective memory of Museology and the professionals engaged in it. This paper gives an overview of the collection held by NUMMUS and the related conservation activities, as well as presenting a brief history of the Course in Museums until the present day.

**Key-words:** Museology. Memory. Preservation.

---

## **1 Introdução**

O presente trabalho apresentará, em linhas gerais, o processo de formação e organização do acervo do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Este trabalho é resultado das atividades desenvolvidas no âmbito do NUMMUS e das questões levantadas e reflexões realizadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, desenvolvido em parceria pela UNIRIO e pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Antes de iniciarmos a apresentação da experiência de recuperação e preservação da memória da museologia vivenciada pelo NUMMUS, faremos de forma rápida e objetiva uma abordagem sobre os conceitos (memória, história, identidade, patrimônio) que norteiam e fundamentam as práticas e discursos do referido núcleo. Tais conceitos acima referidos estão diretamente ligados à área da preservação de bens culturais.

Etimologicamente, a palavra *Patrimônio* traz em si a idéia de propriedade, de posse e significa *herança paterna; bens de família; quaisquer bens, materiais ou morais, pertencentes a um indivíduo ou a uma instituição* (FERNANDES, 1996, p. 857). Porém, este conceito vem sofrendo alterações no seu sentido no decorrer do tempo, conjugando as noções relacionadas a tempo e espaço, com referenciais no passado, no presente e no futuro, não somente através da produção material humana, como também da produção intelectual e emocional (SILVA, K.; SILVA, M., 2006, p. 325).

O conceito de patrimônio engloba, no contexto cultural, todos os bens tangíveis ou intangíveis, cujo processo de preservação seja de interesse social e/ou cujas representações/vinculações estejam assentadas em conceitos/valores históricos, artísticos, arqueológicos, bibliográficos, etnográficos, paisagísticos ou afetivos. A constituição destes bens culturais como fator identitário da sociedade é reforçada pela ação de preservação e divulgação de seus valores e conceitos.

Trata-se, portanto, de conceito bastante abrangente, e a crescente necessidade de preservação do patrimônio manifesta-se como forma de salvaguardar e manter a identidade cultural. A identidade tem suas origens remetidas à Filosofia e à Psicologia; no entanto, é no campo da Antropologia que este termo irá ganhar uma outra dimensão, através do discurso interdisciplinar dos Estudos Culturais. A partir da ramificação “identidade” surgem outros conceitos com significações diferenciadas: identidade nacional, identidade étnica, identidade social (SILVA, K.; SILVA, M., 2006, p. 202).

Esse interesse pode ser evidenciado a partir da seleção afetiva dos símbolos do passado e também do desejo de valorizar e demarcar traços constitutivos da identidade de um lugar, de uma região, de uma comunidade, expandindo assim para o campo da memória coletiva.

Por reunir em seu bojo lembranças, narrativas, elementos comuns que evocam o imaginário coletivo, as atividades desenvolvidas no NUMMUS constituem-se como um importante fator para o delineamento e preservação da identidade do grupo a que se referem, estabelecendo relações entre passado, presente e futuro. Assim, os

conceitos de identidade, história e memória interferem e se complementam no desenvolvimento dos trabalhos. No que se refere à identidade, trata-se de um grupo (conservadores de museus, museologistas, museólogos) que mantém relações similares devido a uma atividade que os inter-relaciona; já os demais conceitos se efetivam quando “a memória recupera o que está submerso, seja do indivíduo, seja do grupo, e a História trabalha com o que a sociedade trouxe a público” (SILVA, K.; SILVA, M., 2006, p. 276).

Stuart Hall (2006, p. 21) nos apresenta a identidade como algo mutável e que esta mudança ocorre conforme o indivíduo / grupo é interpelado ou representado, no qual a identificação não é automática. Em suas palavras:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’. (HALL, 2006, p. 38).

A identidade não é um traço em si mesmo, mas uma realidade que é percebida através da recepção, que varia de acordo com o grupo; esta característica não é intrínseca do indivíduo, mas atribuída. Tem uma característica múltipla e plural ocasionada pela percepção do grupo. Michael Pollak (1992, p. 203) vem corroborar as posições apresentadas e discutidas sobre a questão da identidade, nos mostrando que a identidade é formada e transformada no interior da representação do indivíduo e de seu grupo. Portanto, os objetivos a que se propõe o NUMMUS se relacionam de forma intrínseca com a identidade dos profissionais de museus, especialmente aqueles formados no MHN e na UNIRIO. A identidade se forma no dia-a-dia, no contato com o outro, na miscigenação das idéias e dos atos, e o material que vem sendo coletado para o NUMMUS representa esse cotidiano.

Segundo Diana F. Correia Lima, a memória é um campo que se entrelaça a todas as áreas de estudos relativas aos museus, à história e à formação teórica da Museologia e de sua preservação (LIMA, 1997, p. 207). Lima ainda esclarece e apresenta como o museu desempenha suas funções sociais e de atuação através de suas principais linhas técnico-conceituais para o processo de musealização e institucionalização da memória. Essas três linhas seriam:

Preservação: conservação, restauração, armazenamento e documentação; Investigação: interpretação científica do valor informativo do patrimônio cultural...; Comunicação:...métodos... para transferir a informação a uma audiência, publicações, exposições e atividades educativas adicionais. (LIMA, 1997, p. 209).

Concluindo seu texto, a autora afirma que o museu é um terreno de disseminação da memória social, pois nesta instituição estão instauradas as práticas e representações culturais, bem como a interpretação e transmissão da memória-mensagem impregnada em seu acervo.

Tanto Lima (1997) quanto Tereza C. M. Scheiner (1997) evidenciam em seus textos a real importância da memória para o campo da Museologia e dos museus; por outro lado, sabemos que para se construir e recuperar a memória é necessário ter acesso a seus vestígios. Esse acesso pode ser garantido através da preservação dos bens culturais relacionados, que foram selecionados por representar um momento, um fato, um lugar, uma personalidade ou um grupo.

Mas a memória não é apenas individual. Na verdade, a forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, de um grupo. (SILVA, K.; SILVA, M., 2006, p. 276).

O NUMMUS trabalha com a memória e seus vestígios; suas atividades relacionam-se à formação de uma identidade para o grupo cujas lembranças e reminiscências vêm constituindo um acervo rico e ainda pouco explorado. À medida que esse acervo vai sendo organizado e tornado acessível para pesquisa, potencializa-se a sua utilização.

## **2 Do Curso de Museus, no Museu Histórico Nacional, ao Curso de Museologia na UNIRIO**

Ao longo das décadas de 1920 e 1930, em plena efervescência de movimentos que valorizavam os ideais e a cultura nacional, foi criado pelo Decreto-Lei nº 15.596 de 1922 e inaugurado a 1º de outubro do mesmo ano o Museu Histórico Nacional (MHN), no governo do então Presidente Epitácio Pessoa. Tal instituição foi criada no âmbito das comemorações do Centenário da Independência do Brasil e em

consonância com a política das oligarquias que predominou na República Velha, cujos privilégios foram ameaçados com a Revolução de 1930 e com a ascensão de Getúlio Vargas à Presidência.

O primeiro diretor do MHN, Gustavo Barroso, escritor, político e jornalista, teve uma atuação marcante na vertente regionalista e nacionalista no início do século XX, tendo sua história mesclada com a história da preservação do patrimônio e dos museus brasileiros, idealizando assim, a construção de um projeto de “memória nacional”. Podemos analisar suas ações nestes campos através da criação do MHN, do projeto de um Museu Ergológico, das atividades da Inspetoria de Monumentos Nacionais ou da implantação do Curso de Museus (OLIVEIRA, 2003, p. 10).

Com a ascensão de Getúlio Vargas à Presidência, Gustavo Barroso foi destituído do cargo de Diretor do MHN em 1930, assumindo em seu lugar o historiador Rodolfo Garcia. É em sua gestão que se inaugura no MHN o primeiro Curso Técnico em Museologia das Américas, através do Decreto-Lei nº 21.129, de 7 de março de 1932 (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 1933).

O Curso era então vinculado à direção do MHN e tinha a proposta de habilitar técnicos para ocupar cargos na própria instituição, necessidade esta apresentada no Relatório de Atividades do MHN, de 1923, através do pedido de Gustavo Barroso “para criação do cargo de conservador do Museu, funcionário que ficaria encarregado de dirigir os serviços de limpeza e restauração dos objetos, com a responsabilidade direta de sua conservação” (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 1924).

Embora a criação de um curso técnico voltado para a formação de profissionais de museus já estivesse prevista desde 1922, no Decreto que criou o Museu Histórico Nacional, somente em 1932 o Curso de Museus é criado, como um departamento do MHN, sob a direção de Rodolfo Garcia. (MAGALHÃES, 2006, p. 68).

Inicialmente idealizado como curso técnico, o Curso de Museus tinha a duração de dois anos, inaugurando o ensino sobre museus no país e equiparava-se ao Curso de Biblioteconomia, da Biblioteca Nacional, e ao de Arquivologia, do Arquivo Nacional. Segundo Ana Cristina Oliveira, o Curso de Museus;

[...] representou a institucionalização de uma agência de construção e transmissão do conhecimento na área de museus em continuidade e interação com a prática do Museu Histórico Nacional que ganhava assim *status* de matriz intelectual de um conhecimento que o curso pretendia divulgar e implantar nos museus do país, ao formar seus quadros. (OLIVEIRA, 2003, p. 12).

As matrículas foram abertas em abril e as aulas iniciadas em maio, sendo freqüentado por 26 alunos - 10 regulares e 16 ouvintes – formando-se, em 1933, os primeiros “conservadores de museus”: Adolpho Dumans, Alfredo Solano de Barros, Guy José Paulo de Hollanda, Luiz Marques Poliano, Maria José Motta e Albuquerque, Maria Luiza Lage, Paulo Olintho de Oliveira e Raphael Martins Ferreira. Dentre estes, quatro assumiram a função de 3º oficial do MHN.

Em novembro de 1932, Gustavo Barroso, que se afastara da Direção do Museu, reassumiu suas funções e passou a gerir o Curso de Museus, imprimindo-lhe sua visão pessoal e consolidando-os até 1959, ano de seu falecimento. No entanto, ao reassumir o posto de Diretor do MHN e do Curso de Museus, Barroso encontra a instituição integrada ao Ministério da Educação e Saúde Pública e Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (OLIVEIRA, 2003, p. 78). O relatório de atividades do MHN de 1935 situa como se desenvolviam as atividades naquele momento, como verificamos no trecho selecionado a seguir.

Quanto ao Curso de Museus, já assumiu as proporções de um verdadeiro curso universitário. Ensinamos matérias de singular importância para o aperfeiçoamento dos nossos futuros técnicos, e com isso damos uma projeção intelectual mais extensa ao MHN. Creio que poderíamos manter os serviços de seminários em articulação com a Universidade do Distrito Federal a exemplo do que se pratica nos grandes centros escolares, para todos os assumptos atinentes à investigação histórica e aos problemas do passado nacional. Os professores do Curso são todos professores do Museu, e desde 1933 ensinam regularmente as suas disciplinas sem nenhuma gratificação especial que retribua a sobre-carga de serviço. (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 1936).

Nos doze primeiros anos de funcionamento do Curso de Museus, as aulas eram ministradas por funcionários do MHN, entre eles Gustavo Barroso; Rodolfo Garcia, Pedro Calmon, Joaquim Menezes de Oliva, João Anyone Costa e Edgar de Araújo

Romero e que, por sua vez, não eram remunerados pela docência, como atesta o trecho do relatório de atividades do Museu Histórico de 1942.

Todos os professores trabalham com dedicação e estão prestando valioso serviço à formação técnica de funcionários especializados como são os conservadores e a cultura geral do país. Mas é de desejar sejam recompensados os funcionários que, há mais de 10 anos, prestam serviços gratuitos, sem prejuízo das funções de seus cargos, lecionando em vários turnos as matérias daquele curso. (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 1943)

Entre os anos de 1932 e 1944, a grade curricular do Curso de Museus era estruturada com as seguintes disciplinas: 1º ano - História Política e Administrativa do Brasil (período colonial), transformada em 1934 em História da Civilização Brasileira; História da Arte (Brasil); Arqueologia aplicada ao Brasil; e Numismática (parte geral) e no 2º ano – Técnica de Museus; História Política e Administrativa do Brasil (Independência até atualidade); Numismática (brasileira); Sigilografia; Epigrafia; Cronologia.

O estilo barrosiano de ensino e de lidar com os aspectos referentes aos museus consolidou-se através de seus alunos pioneiros, alguns dos quais viriam, posteriormente, a lecionar no Curso. A obra seminal de Gustavo Barroso, que resume tanto o currículo quanto o conceito do Curso, *Introdução a Técnicas de Museus*, publicada em dois volumes, sendo o primeiro dedicado ao processamento técnico de acervo e o segundo sobre o estudo das coleções. Estas obras consistem numa compilação de seus conhecimentos e de suas aulas, sendo usados por seus alunos como manuais. Outro marco significativo da influência do pensamento barrosiano e dos primeiros professores do Curso foram os *Anais do MHN*, periódico cujo primeiro número data de 1940 e possui inúmeros artigos, não apenas de Barroso, como dos demais professores e seus alunos.

Segundo Oliveira (2003, p. 83), em sua primeira fase, entre aos anos 1930 e 1940, o Curso de Museus contribuiu fundamentalmente para a valorização do MHN, por ser o único centro de formação de profissionais habilitados para trabalhar nos museus históricos e de belas artes do país, legitimando assim, um conhecimento específico. Entrando em um segundo momento do Curso, ainda sob a gestão de Barroso,



tornam-se necessárias reformulações na estrutura do Curso, visando sua inserção no âmbito acadêmico.

Em 1943, o Ministério da Educação e Saúde determinou que os diplomas e certificados emitidos pelo MHN fossem registrados na Diretoria do Ensino Superior, através do processo nº 81.831 (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 1944), iniciando assim, uma reforma curricular no Curso de Museus. Após 12 anos de funcionamento do Curso, Gustavo Barroso realiza a primeira grande reformulação, Reforma de 1944, consolidando o caráter universitário do Curso, preconizado desde sua criação, e preparando sua entrada na universidade. Em 1944, seu Regulamento foi aprovado pelo Decreto nº 66.689, aumentando a duração do Curso de dois para três anos, implantando as habilitações para Museus de História e para Museus de Arte, e criando o cargo de Coordenador, diretamente subordinado ao Diretor do MHN. A professora Nair de Moraes Carvalho torna-se a primeira coordenadora, função que manterá por 23 anos, até 1967 (SÁ, 2007, p. 26).

Com esta nova reforma curricular, o Curso passou a ser estruturado numa Parte Geral (dois anos) e numa Parte Especial (um ano), vigorando por mais de 20 anos. Nas duas primeiras séries são ministradas as seguintes disciplinas: 1º ano - História do Brasil Colonial; História da Arte (geral); Numismática (geral); Etnografia; e Técnica de Museus (parte básica); e 2º ano – História do Brasil Independente; História da Arte Brasileira; Numismática Brasileira; Arte Menores e Técnicas de Museus (parte básica). No 3º ano, a estrutura curricular era composta das seguintes disciplinas: Museus Históricos – História Militar e Naval do Brasil; Arqueologia Brasileira; Sigilografia e Filatelia; e Técnica em Museus (Heráldica, Condecorações e Bandeiras, Armaria, Arte Naval e Viaturas); e Museus Artísticos ou de Belas Artes – Arquitetura; Pintura e Gravura; Escultura; Arqueologia Brasileira; Arte Indígena e Arte Popular; e Técnica de Museus (Arquitetura. Indumentária, Mobiliário, Cerâmica e Cristais, Ourivesaria e Arte Religiosa).

Em 1951, através de acordo firmado entre o MHN e a Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi conferido ao Curso o Mandato Universitário (Relatório de Atividades do MHN, 1951), como ressaltamos no trecho a seguir.

O Curso de Museus, criado pelo Decreto nº. 21.129, de 7 de março de 1932 e reestruturado pelo Decreto-lei nº. 6.689, de 13 de julho de 1944, é um curso de nível superior e funciona regularmente com duração de três anos. Concede aos seus alunos um diploma de Técnico em Museologia, o qual é registrado na Diretoria do Ensino Superior do MEC. Tem por finalidade: a) Preparar pessoal para as funções de Conservador de Museus históricos e artísticos ou de instituições análogas; b) Transmitir conhecimentos especializados sobre assuntos históricos e artísticos; c) Incentivar o interesse pelo Estudo da História do Brasil e da arte nacional. (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 1956, p. 5)

Nessa época, eram concedidas, anualmente, no Curso de Museus, bolsas de estudos destinadas a estudantes residentes fora da cidade do Rio de Janeiro e escolhidos, preferencialmente, entre servidores estaduais e municipais, com exercícios em instituições culturais e por indicação do Governador do Estado a que a bolsa foi atribuída. As bolsas de estudos foram concedidas por mais de duas décadas (1942-1969), habilitando profissionais que retornariam aos seus estados e colocariam em prática os ensinamentos técnicos adquiridos no Curso. Em recente publicação, Ivan C. de Sá e Graciele K. Siqueira apresentam mais detalhes sobre esse programa, como destacamos no trecho a seguir.

A partir de 1942 começam a aparecer os bolsistas, depois regulamentados pela Reforma de 1944 com o objetivo de propiciar a formação do Curso de Museus a funcionários públicos dos estados. Algumas turmas destacam-se pelo considerável número de bolsas oferecidas como a de 1946, com 8 bolsistas, todas mulheres, três das quais com importante atuação na Museologia: Herundina Baptista (BA), Maria Afonsina Furtado Rodrigues (CE) e Maria Barreto (SP). (...) No que se refere aos números, de um universo de 64 bolsas distribuídas durante 25 anos, ou seja, de 1942 até 1967, quando foram extintas, o estado da Bahia preponderou com 15 bolsistas; seguido pelo Ceará com 8; Rio Grande do Sul, 7; São Paulo, Minas Gerais e Maranhão com 6; Paraná com 3; Amazonas, Pernambuco, Rio de Janeiro e Santa Catarina, com 2; e enfim Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso e Sergipe com apenas uma. Houve ainda um bolsista da Argentina, Jose Martin Bartholomé, ingressante em 1967 e que se formou em 1969 [...]. (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p. 21)

Uma outra importante atividade que se inseria na estrutura curricular do antigo Curso de Museus eram as excursões de estudos, onde os alunos matriculados, especialmente os do 3º ano, mas também abertas aos demais, viariam a algum ponto do país com destaque pelas preciosidades históricas ou artísticas ali

existentes. No final, os alunos deveriam fazer relatórios com observações e estudos sobre o local visitado.

Estas excursões, que ocorreram por mais de duas décadas (1946-1968) eram discutidas entre a direção do MHN, o coordenador, os professores e alunos do curso, escolhendo coletivamente qual cidade seria visitada. À época do Barroso, foi realizado um grande número de viagens, nas quais, em sua maioria, ele se fazia presente. Nestas viagens, museus, sítios históricos e naturais, igrejas, monumentos históricos eram visitados proporcionando aos alunos uma vivência prática com o patrimônio e a preservação dos vestígios da memória social e coletiva (SÁ, 2006, p.18-19). Durante este período, foram feitas excursões às cidades históricas de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná. Goiás, Bahia, Pará, Rio Grande do Norte, Amapá, Maranhão, Pernambuco, etc.

A partir de 1958, anteriormente à morte de seu diretor, os oradores das turmas de formatura, sugerem à direção do MHN que o Curso passe a ser denominado Curso Gustavo Barroso e, posteriormente, no discurso do Cmte. Léo Fonseca e Silva, em 1962, a sugestão de transformação do Curso em Instituto Gustavo Barroso. Tal iniciativa foi apresentada também no VII Congresso Nacional de Museus, sendo transformada em Moção. “Nada mais justo e digno de aplausos que passe a ter o nome de seu fundador, o curso ao qual ele se dedicou com o melhor de seus esforços e no qual lecionou desde sua fundação” (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 1963). Posteriormente, na gestão do Cmte. Léo Fonseca e Silva, Diretor do MHN entre os anos de 1967 e 1970, o Curso passou a denominar-se, informalmente, Escola Superior de Museologia.

Em 1966, ocorre uma nova reformulação curricular no Curso de Museus. Esta mantém o Curso em três anos e com a mesma estrutura da reforma anterior, inovando apenas na criação da disciplina Metodologia de Pesquisas Museológicas e da institucionalização do estágio nas seções do MHN. Ao final do 2º ano, o aluno tinha a liberdade para escolher em qual área quer se habilitar, Museus Históricos ou Museus Artísticos, sendo-lhe facultado o direito de cursar posteriormente a outra habilitação. Durante a gestão do Cmte. Léo F. e Silva, foi criada, em 1970, a habilitação em Museus Científicos, formando, no entanto, apenas uma turma de 10

alunos: Benedito Antonio de Souza, Catarina Eleonora Ferreira da Silva, Cristina Maria Vieira Rabello, Jurena Porto Neumann, Lais Scuotto, Manoel Vital Fernandes Ferreira, Maria Ângela Fiúza Dias Pinto, Reginaldo Rodrigues Guimarães, Tereza Cristina Moletta Scheiner e Vera Lúcia de Azevedo Siqueira. A última turma a se formar, habilitada nas seções de museus históricos ou artísticos, ocorre em 1976.

Na década de 1970, as transformações do campo e dos conceitos ligados à Museologia e aos museus repercutem no Brasil e no Curso de Museus, após a realização da Mesa de Santiago do Chile, em 1972, tornando inevitável a necessidade de revisão de sua estrutura curricular. Surgem, neste período, os conceitos de ecomuseu, cunhado por Hughe de Varine, museu integral, nova museologia. O ensino e a prática museológica não se restringem mais apenas aos museus tradicionais ortodoxos.

É possível afirmar que é nos limites dessas coordenadas ideológicas que se define a identidade dos profissionais de museu a partir dos anos 70 do século passado no Brasil. Desde fins dessa década, uma série de transformações ideológicas e institucionais na área de museus, parcialmente inspiradas pelo discurso da nova museologia, provoca uma redefinição nos padrões de formação dos profissionais. (GONÇALVES, 2005, p. 263).

A partir de 1973, o Curso adota o sistema de créditos e a forma de ingresso passa a ser o sistema unificado de vestibular. Em 1974, são suprimidas as habilitações específicas e a duração ampliada para quatro anos (Projeto de Reformulação Curricular, 2007) (1) e, em 1977, o curso foi incorporado à Federação das Escolas Federais Isoladas do Rio de Janeiro - FEFIERJ, continuando a funcionar nas instalações do MHN. Pelo Decreto-lei nº66.655 de 1979, a FEFIERJ passou a denominar-se Universidade do Rio de Janeiro - UNI-RIO e, em agosto deste mesmo ano, o Curso foi transferido do MHN para o antigo prédio do Centro de Ciências Humanas (CCH), na Urca.

Neste período, em que o curso ingressa efetivamente no âmbito universitário, foram implantadas as Exposições Curriculares, com o objetivo de modernizar e investir na capacitação profissional do futuro museólogo. Essa atividade recebeu o apoio do Laboratório de Desenvolvimento de Exposições - LADEX, criado em 1979, e do Núcleo de Preservação e Conservação de Bens Culturais - NUPRECON, criado em

1987. Em 1991, foi criada a Escola de Museologia, permanecendo ligada à Decania do CCH e, em 1997, a Escola passou a funcionar no novo prédio desse Centro.

A partir da departamentalização, ocorrida em 1985, as disciplinas são alocadas em departamentos, sendo criado, para atender às necessidades do Curso de Museologia, o Departamento de Estudos e Processos Museológicos - DEPM. Nesse processo, o Curso passou por pequenas reformulações e, somente em 1995-1996, foi reformulada a grade curricular, sintonizando-o com uma visão holística de patrimônio e enfatizando a interdisciplinaridade da área com a Ciência da Informação. A última reforma curricular é muito recente – 2007 - e está sendo implantada neste ano, tendo como característica principal uma grade curricular baseada no equilíbrio entre o campo teórico e a prática museológica.

Destaca-se também, no âmbito do Curso de Museologia da UNIRIO, a criação, em 2005, do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Museologia, Patrimônio e Turismo – NUCLEM, como implementação à pesquisa e à qualidade da formação teórica, ligado à graduação em Museologia e, posteriormente, ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Finalmente, encontra-se em fase de implantação o Laboratório de Pesquisa e Reserva Técnica - LAPERT, com o objetivo de subsidiar a formação prática da graduação, e o Núcleo de Preservação da Memória da Museologia no Brasil – NUMMUS, objeto de estudo desse trabalho.

### **3 Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS**

#### **3.1 Constituição**

Na medida que a Museologia vem se firmando como um campo de conhecimento interdisciplinar no contexto das Ciências Humanas e Sociais, necessita também da preservação de suas referências, tanto no âmbito nacional quanto internacional, de forma a não perder os vestígios históricos de lutas, de profissionais pioneiros de museus, entre outros.

Seguindo a tônica da preservação de referências e vestígios de um grupo, é criado no Departamento de Estudos e Processos Museológicos (DEPM) / Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em 2005, o Projeto de Pesquisa Memória da Museologia no Brasil e, meses mais tarde,

o Núcleo de Preservação da Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS), com a finalidade de preservar e salvaguardar os vestígios da memória da Museologia brasileira. Ivan C. de Sá situa melhor esse momento, em publicação do caderno de memórias da viagem de Geraldo Pitaguary a Ouro Preto.

Esta carência tem sensibilizado os professores do Departamento de Estudos e Processos Museológicos – DEPM, da Escola de Museologia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Em 13 de dezembro, foi aprovado no Colegiado deste Departamento o Grupo de Pesquisa Memória e Preservação da Museologia no Brasil, tendo como um dos objetivos primordiais implantar um núcleo de memória a partir da coleta e organização de acervos que possam constituir uma base de referência à pesquisa. Registrado na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PROEX, da UNIRIO, e cadastrado no CNPq, o Grupo de Pesquisa passou a fazer parte da linha de pesquisa Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento, do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, implantado recentemente no CCH. (SÁ, 2006, p. 11)

Nesses primeiros passos, o projeto tem como objetivo principal constituir uma sólida base de referências para que, no futuro, pesquisas de graduação e pós-graduação possam ser desenvolvidas e ampliadas, a partir desse rico material. Esta base se constitui num marco relevante para o campo das pesquisas sobre a Museologia, tendo em vista o caráter pioneiro deste projeto, em especial para os profissionais formados pelo antigo Curso de Museus do MHN e do atual Curso de Museologia da UNIRIO, e a ausência quase completa de iniciativas de preservação desse tipo no campo museológico. Essa iniciativa abre caminho para o desenvolvimento de estudos que propiciarão uma maior compreensão sobre a importância do pensamento teórico, do ensino e da formação profissional em Museologia no Brasil, permitindo refletir sobre as transformações ocorridas na sociedade brasileira em consonância com o campo dos museus.

A construção destas referências fundamenta-se na coleta de documentos, no que se refere à formação e à atuação profissional, com o objetivo de agregá-los, evitando, assim, seu desaparecimento e dispersão. Idealizado pelo Prof. Ivan Coelho de Sá, atual Diretor da Escola de Museologia, o projeto iniciou, em maio de 2005, uma campanha informal de arrecadação de acervo com museólogos veteranos, normalmente ligados à Escola de Museologia, inclusive professores aposentados,

ex-alunos, ex-diretores e coordenadores do Curso. Para tanto, os integrantes do projeto de pesquisa (professores Ivan Coelho de Sá, Mario Chagas, Cícero Almeida, Avelina Addor e Ana Lúcia Siaines de Castro e, à época, os alunos Graciele Siqueira, Henrique Cruz, Monique Magaldi e Raquel Barbosa) têm procurado sensibilizar profissionais de museus e da Museologia, sobretudo aqueles que tiveram uma atuação mais expressiva na área museológica, para a preservação das referências relacionadas.

Podemos destacar como doadores os professores do Curso de Museologia: Nair de Moraes Carvalho (1ª coordenadora e professora de Escultura), Dulce Ludolf (professora de Numismática), Therezinha de Moraes Sarmento (1ª diretora da Escola de Museologia e professora de disciplinas técnicas); Neusa Fernandes (História do Brasil), Solange Godoy (Museologia), Liana Ocampo (Educação em Museus), Violeta Cheniaüx (Preservação) e Maria Lucila de Moraes Santos (História da Arte). Destacam-se também os museólogos que trabalharam na criação, implantação e no trabalho cotidiano de inúmeros museus pelo país: Ecylla Castanheira Brandão, Maria Augusta Machado, F. dos Santos Trigueiros, Maria Elisa Carrazzoni, Arnaldo Machado, Adua Nesi, Yara Mattos, Celina Barboza, dentre outros.

Apesar das dificuldades (estabelecer contato com museólogos mais antigos; recepção e aceitação do projeto; adaptação das instalações da Escola de Museologia para acomodação do NUMMUS), as buscas persistem, inclusive com as gerações mais jovens. Num primeiro momento, optou-se pela campanha maciça de sensibilização apenas com os profissionais formados pelo Curso de Museologia do MHN, no entanto, o Projeto prevê o registro das referências de outras fontes, como o do Departamento de Museologia, pertencente à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia e outros mais contemporâneos.

Os maiores empecilhos enfrentados nessa primeira etapa, no entanto, referem-se aos profissionais cujo contato foi interrompido há vários anos ou que já faleceram. Em algumas situações, através de contato com familiares, tornou-se viável recuperar informações e, até mesmo, documentos de importantes personalidades da Museologia já desaparecidas, como podemos destacar no quadro 1, a seguir.

<b>Quadro 1 – Documentos e/ou coleções obtidos a partir de familiares de profissionais da Museologia já falecidos.</b>			
<b>Nome</b>	<b>Função</b>	<b>Familiar</b>	<b>Residência</b>
Dr. Joaquim Menezes de Oliva	1º professor de História da Arte	Filha: Maria Augusta Oliva Morgenroth	Rio de Janeiro, RJ
Dr. João Anyone Costa	1º professor de Arqueologia	Neto: João Eduardo Anyone	Rio de Janeiro, RJ
Adolpho Dumans	Conservador de museus, secretário do Curso de Museus e do MHN	Filho: Adolpho Dumans Filho	Rio de Janeiro, RJ
Guy de Hollanda	Professor de História (IFCS-UFRJ)	Filha: Ana Tereza de Hollanda	Rio de Janeiro, RJ
Geraldo Pitaguary	Conservador de museus: Museu do Índio e Museu Nacional	Sobrinha: Lygia Pitaguary	Ouro Fino, MG
Maria Eneada Rodrigues Vieira	Professora de Etnografia	Filha: Monique Sourisseau	Rio de Janeiro, RJ
Orlandino Seitas Fernandes	Conservador do IPHAN e diretor do Museu da Inconfidência	Filha: Beatriz Seitas Fernandes	Contagem, MG
Cmte. Léo Fonseca e Silva	Diretor do MHN e do Curso de Museus	Esposa: Marília Fonseca e Silva	Rio de Janeiro, RJ

### 3.2 O acervo do NUMMUS

As coleções e conjuntos documentais do NUMMUS são constituídos de documentos institucionais, documentos e/ou conjuntos documentais de particulares, além de objetos de características variadas. No primeiro caso podemos destacar: Livro de Assentamentos de Alunos, Requerimentos de Matrículas, Álbuns de Fotografias, Livros de Atas de Reuniões, Livros de Formaturas e materiais referentes às pesquisas e montagem de exposições curriculares. No segundo caso se encontram: livros, cadernos de estudo, fotografias, artigos de periódicos, diplomas, convites de formaturas, etc. No terceiro caso, encontram-se medalhas, pinturas, artefatos etnográficos (material de aula de professores), espadim etc.



Desde o início da campanha para doação de documentos e coleções, em 2005, até a atualidade, podemos contabilizar cerca de 30 coleções particulares. A maior parte destas coleções encontra-se em fase de formação, devendo ser ampliadas oportunamente, tendo em vista que vários dos doadores se comprometeram a fazer novas doações, assim que concluírem o trabalho de busca e seleção de seus acervos, portanto serão denominadas de conjuntos documentais. Além disso, outros conjuntos devem ser formados em face aos novos contatos que têm sido realizados. Os conjuntos documentais que compõem atualmente o acervo do NUMMUS estão apresentadas no quadro 2, a seguir.

<b>Quadro 2 – Conjuntos documentais do acervo do NUMMUS</b>	
<b>Conjunto documental</b>	<b>Doador</b>
Affonso Celso Villela de Carvalho	Prof. Affonso Celso Villela de Carvalho
Ana Lúcia Siaines de Castro	Prof <sup>a</sup> . Ana Lúcia Siaines de Castro
Diana Farjalla Correia Lima	Prof <sup>a</sup> . Diana Farjalla Correia Lima
Dulce Ludolf	Prof <sup>a</sup> . Dulce Cardozo Ludolf
Eulália Parolini	Museóloga Eulália Parolini
Geraldo Pitaguary	Lygia Apocalypse Pitaguary e Luciana Apocalypse Rossi
Gustavo Barroso	Prof <sup>a</sup> . Nair de Moraes Carvalho
Icléia Thiesen	Prof <sup>a</sup> . Icléia Thiesen
Jorge Cordeiro de Mello	Museólogo Jorge Cordeiro de Mello
José Manoel de Andrade Pires	Museólogo José Manoel de Andrade Pires
Lauryston Guerra	Prof. Lauryston Gomes Pereira Guerra
Líbia Schenker	Prof <sup>a</sup> . Líbia Schenker
Lucila de Moraes Santos	Prof <sup>a</sup> . Maria Lucila de Moraes Santos
Maria Augusta Machado	Museóloga Maria Augusta Freitas Machado da Silva
Maria Elisa Carrazzoni	Museóloga Maria Elisa Carrazzoni
Mariettinha Leão de Aquino	Prof <sup>a</sup> . Mariettinha Leão de Aquino
Nair de Moraes Carvalho	Prof <sup>a</sup> . Nair de Moraes Carvalho
Therezinha Moraes Sarmento	Prof <sup>a</sup> . Therezinha Maria Lamego de Moraes Sarmento
Angela Duhá	Museóloga Angela Maria Duhá
Arnaldo Machado	Museólogo Arnaldo Machado
Cícero Fonseca de Almeida	Prof. Cícero Antônio Fonseca de Almeida
Ecyla Castanheira Brandão	Prof <sup>a</sup> . Ecyla Castanheira Brandão

Guy de Hollanda	Ana Maria Tereza de Hollanda Cavalcanti
Luiz de Mendonça	Liana Martins de Mendonça
Neusa Fernandes	Prof <sup>a</sup> . Neusa Fernandes
Violeta Cheniaux	Prof <sup>a</sup> . Violeta Cheniaux

Os conjuntos documentais são bastante diversificados em termos de gêneros e espécies, havendo predominância de documentos em suporte papel (manuscritos, datilografados, fotografias, slides, gravuras, desenhos) e se inserem, basicamente, em três universos temáticos:

- Curso de Museus - MHN / Escola de Museologia – UNIRIO;
- Museologia / Museus;
- Atuação de museólogos / Profissionais de museus.

Após sua inserção nos universos temáticos, os conjuntos documentais são inventariados, recebendo uma sigla e um número. Esta sigla sintetizada do nome da personalidade remete ao acervo ao qual está associado. A finalidade desta sigla é propiciar a imediata identificação do bem inventariado com a coleção em que se insere, por exemplo:

- NMC: Conjunto documental Nair de Moraes Carvalho
- GP: Conjunto documental Geraldo Pitaguary
- MEC: Conjunto documental Maria Elisa Carrazzoni

O número de identificação dado pelos profissionais das “ciências documentais”, ao objeto no sistema de documentação é a ponte entre este e a recuperação de informações. É através deste sistema de numeração que ocorre o controle e a segurança dos objetos nas instituições, seja pelo controle das coleções, seja pelos desdobramentos nos conjuntos.

O processo de fornecer informações a partir dos dados existentes é da área comum dos profissionais das chamadas ciências documentais. Arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus são co-responsáveis no processo de recuperação da informação, em favor da divulgação científica, cultural e social, bem como do testemunho jurídico e histórico. Partindo de materiais diversos e por meio de mecanismos técnicos distintos, essas

instituições devem estar aptas a cobrir determinados campos de investigação. Assim, a forma / função do documento em sua origem é que define o seu uso e destino de armazenamento futuro, independente do seu suporte. (CÂNDIDO, 2006, p. 36)

Ao ser inventariado, cada item recebe um número de registro que o individualiza no contexto de todo o acervo do NUMMUS. Esta numeração possibilita a identificação das informações individuais do registro do objeto, através de um código próprio permanente que o identificará dentro do acervo. Existem vários tipos de numeração: corrido, alfa numérico, bipartido, binário seqüencial e tripartido e, no caso do NUMMUS, foi escolhido o sistema alfa numérico para aplicação nos conjuntos documentais. Este sistema preserva duas ou três informações, estas de fundamental importância para o acervo: sigla da instituição, o número de registro e os desdobramentos. Associou-se a sigla do conjunto ao doador e não à instituição, e a um número seqüencial dentro de cada coleção. Como exemplo:

- MAM 0980 - este número refere-se ao item 980 do Conjunto Documental Maria Augusta Machado; seguem-se as seguintes informações: Carteirinha - Ministério da Educação e Saúde - Museu Histórico Nacional - Curso de Museus. Srta. Maria Augusta Freitas Machado da Silva. Rio de Janeiro, 15 de março de 1948.

A partir das doações feitas, os documentos são agregados em séries para organizar os conjuntos documentais em universos temáticos, possibilitando assim, uma reunião coerente dos assuntos e facilitando, conseqüentemente, a recuperação das informações e os trabalhos de pesquisa. É feito inicialmente um estudo geral da coleção para, num segundo momento, elaborar uma análise mais específica de cada item, tendo em vista sua inclusão mais adequada numa das séries temáticas, por exemplo, na organização temática do conjunto documental GUSTAVO BARROSO:

- Série Documentos Pessoais / Biografia
- Série Produção Intelectual I
- Série Produção Intelectual II
- Série Produção Intelectual III
- Série Trabalhos Técnicos

- Série Produção Artística
- Série Correspondência
- Série Curso de Museus - MHN
- Série Comemorações do Centenário de Nascimento (1988 - 1989)
- Série Fotografias

Os acervos recebidos passam por procedimentos de conservação, que serão apresentados no próximo item desse trabalho.

### **3.3 Diagnóstico e tratamento do acervo do NUMMUS**

Normalmente, os documentos que entram para o NUMMUS exigem cuidados, face à deterioração ocasionada pelo acondicionamento inadequado às normas de preservação. A ação das sujidades sobre os documentos dos conjuntos formados, que tem como principal suporte o papel, é um dos fatores principais para a degradação e, se conjugado às condições ambientais inadequadas, potencializará o seu processo de destruição.

A higienização constitui-se como um dos procedimentos mais significativos do processo de conservação de documentos sobre suporte papel, pois, a poeira é a grande inimiga da conservação desses documentos, por conter partículas de areia que cortam e arranham; fuligem e inúmeras outras impurezas que atraem a umidade, acelerando o processo de degradação dos papéis. No processo de higienização mecânica, sempre que possível, devem ser removidos objetos danosos aos documentos, tais como grampos, cliques e prendedores metálicos. O procedimento deve ser realizado a intervalos regulares, ou de acordo com a necessidade da coleção. Normalmente, a higienização de obras sobre suporte de papel é feita por técnicos que portam luvas de algodão, jalecos e máscaras, como forma de proteger da poeira e prevenir doenças.

No Núcleo de Memória, o tratamento tem início com a higienização mecânica dos documentos doados para remover a poeira superficial, com a finalidade de estabilizar possíveis processos de degradação e permitir ao pesquisador um manuseio mais seguro. Tal tratamento não é suficiente, mas devido ao número

elevado de documentos e às condições atuais do Núcleo de Preservação e Conservação de Bens Culturais Violeta Cheniaüx – NUPRECON, no momento, o procedimento garante uma condição mínima para a conservação dos mesmos.

Para a retirada de sujidades sobre o documento, têm sido utilizadas trinchas macias usadas sempre no sentido contrário de quem executa a atividade; pó de borracha em movimentos circulares e leves; aspiradores de baixa potência, utilização de bisturi, para retirada de excrementos de insetos; e mesa de higienização. A limpeza deve ser iniciada do centro para as extremidades do documento, observando sempre, em caso de livros, a presença de insetos e fungos.

Após a higienização mecânica, procede-se à remoção de elementos externos ao documento, como grampos, cliques, fitas adesivas, alfinetes, borrachas, que podem interferir no estado de conservação dos mesmos. Nesta fase, são descartadas as embalagens ácidas, como pastas, encartes e envelopes, bem como materiais plásticos condensadores de umidade. Os documentos dobrados, enrolados ou amarrotados são também planificados através do aumento da umidade dos documentos (água deionizada) e colocação, sob pressão, em uma prensa.

No caso dos documentos fotográficos, a interferência tem sido mínima, devido ao risco de deteriorações que possam vir a comprometer a mensagem transmitida pela fotografia. Neste tipo de material, a limpeza tem se restringido à remoção de sujeiras e sujidades superficiais com a utilização de pincel fino e intervenção delicada, devendo-se evitar locais com altas taxas de umidade. Cada fotografia é colocada em seu invólucro próprio, em papel neutro, bem como os diapositivos e filmes fotográficos, que são acondicionados dentro de caixas de material tipo polionda, em armários de aço.

Após o processo de higienização, procede-se ao registro (inventário, numeração) e organização dos documentos, que são acondicionados individualmente e guardados em armários, mapotecas ou arquivos de aço, revestidos internamente com placas de material tipo polionda branco.

O acondicionamento é padrão para todos os conjuntos do Núcleo de Memória e tem por objetivo proteger e prolongar a vida útil dos objetos. Desta forma, a guarda / acondicionamento impede a ação da luz (natural ou artificial) e a migração de acidez entre os documentos, preservando a integridade física. No NUMMUS, o procedimento mais utilizado para documentos planos, gravuras, desenhos e fotografias avulsas, etc., tem sido:

- Envelopamento dos documentos em papel alcalino, sem nenhum adesivo, com envelopes dobrados em formato de cruz;
- Organização dos envelopes em caixas de material tipo polionda branco, de 2 mm de espessura, estruturadas com costura de linhas de algodão;
- Para objetos tridimensionais como livros, álbuns fotográficos, insígnias, medalhas, matriz de *ex-libris* e outros, o procedimento mais comum tem sido:
- Envelopamento em papel alcalino de 180 g;
- Acondicionamento em suportes de poliestireno com nichos vazados para encaixe;
- Organização em caixas de material tipo polionda branco, de 2 mm, estruturadas com costuras de linhas de algodão;

A opção pelos invólucros em papel alcalino deve-se ao fato de que este material, além de ser isento de acidez, possui uma reserva alcalina que afasta a possibilidade de acidificação dos documentos ali mantidos. A escolha pelas caixas e revestimentos em material tipo polionda branco decorre da estabilidade deste material e das características que lhes são peculiares, sendo não absorvente e fácil de limpar, isolante térmico, inorgânico, isento de acidez, com boa durabilidade, resistência mecânica e praticidade. O uso das placas de poliestireno explica-se pela estabilidade física e química, pela ausência de acidez, pelo caráter amortecedor, não absorvente, e por ser isolante térmico.

As caixas são etiquetadas com informações que facilitam, de imediato, sua identificação: número da caixa dentro da coleção, sigla da coleção e série temática e especificação resumida do conteúdo. O quadro 3, apresentado a seguir, mostra um exemplo.

<b>Quadro 3 – Identificação das caixas de acondicionamento de conjuntos utilizada no NUMMUS.</b>	
<b>GP</b> <b>Caixa 13</b>	<b>Conjunto documental Geraldo Pitaguary</b> Doação: Ligia Pitaguary Apocalypse e Luciana Apocalypse Rossi <b>Série Museu Nacional – UFRJ (1971-198?) – II</b> – Medalha <b>Série Documentos Diversos – II</b> – Caderno de Autógrafos

Nos documentos fotográficos, recomenda-se a reprodução de cópias, reduzindo assim, a manipulação constante dos originais e esse procedimento tem sido utilizado para os acervos recebidos. O procedimento utilizado é a digitalização das fotografias, tendo sido reproduzidas, até o momento, 659 imagens de um total de mais de 4.000 itens, com resolução entre 600 e 1200dpi, formato JPEG e armazenamento em CD-ROMs. Esses suportes foram acondicionados em bases retangulares, com um encarte contendo informações relativas ao acervo e ao Projeto. As informações inseridas nesse encarte são as seguintes: na capa - os nomes do Projeto, do Conjunto/Doador; a Sigla do conjunto documental e numeração digital; o Número da caixa onde estão acondicionados os originais reproduzidos e Série Temática; as Logomarcas das instituições realizadoras. Na parte interna, à esquerda: o texto explicativo do projeto. Na parte interna, à direita: os créditos do projeto. Na contracapa: as Imagens do conjunto documental.

As medalhas e demais objetos recebidos até o momento estão sendo submetidos à simples higienização, utilizando os meios mecânicos tradicionais, para em seguida passarem pelos procedimentos de registro e documentação já mencionados. Seu acondicionamento segue os procedimentos já citados, sendo utilizados envelopes plásticos lacrados para as medalhas e demais objetos de metal, que são também guardados em caixas de material polionda. Em um segundo momento, os objetos metálicos serão avaliados com auxílio de professores do PPG-PMUS, de forma a verificar que procedimentos de conservação serão necessários para sua preservação.

#### 4. Divulgação

A divulgação do patrimônio sob a guarda do NUMMUS constitui-se em uma de suas competências. A partir das pesquisas desenvolvidas por pesquisadores e bolsistas de iniciação científica, e pela salvaguarda de referências do campo da Museologia, foram escolhidos para publicação, num primeiro momento, os três trabalhos que se encontravam em fase mais avançada de elaboração. São eles:

- *A lembrança de Ouro Preto continua sempre comigo: Memória da primeira excursão do Curso de Museus – MHN a Ouro Preto, em 1945*, de Geraldo Pitaguary. O livro foi lançado no dia 7 de março de 2007, por ocasião da Aula Inaugural comemorativa aos 75 anos da Escola de Museologia. O original do museólogo Geraldo Pitaguary, criador do Museu do Índio na década de 1950, foi doado por suas sobrinhas ao Núcleo de Memória. Refere-se aos escritos do Prof. Pitaguary, narrando alguns episódios da histórica excursão do Curso de Museus do MHN às cidades de Ouro Preto, Mariana e Congonhas, em julho de 1945. O texto foi ilustrado com desenhos e fotografias feitas pelo próprio Pitaguary, e inclui uma introdução contextualizando a excursão, bem como notas explicativas elucidando personagens, locais e acontecimentos.
- *Do horizonte do passado ao horizonte do futuro...: 75 anos da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1932-2007)*, de Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro. Lançado no último dia 19 de março de 2008, o livro contém uma cronologia dos principais fatos ligados direta ou indiretamente ao Curso de Museologia, desde sua criação no Museu Histórico Nacional, em 1932, até a atualidade, na UNIRIO. As datas foram selecionadas a partir de um exaustivo levantamento sobre o acervo inédito doado ao NUMMUS, e em arquivos e bibliotecas de importantes instituições como o Arquivo Nacional, a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes, a Fundação Getúlio Vargas, o Museu Nacional, além dos Arquivos do MHN e da UNIRIO. O livro contém também ilustrações inéditas de imagens pertencentes ao acervo do NUMMUS.
- *Curso de Museus – MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional*, de Ivan Coelho de Sá e Graciele Karine Siqueira. Lançado no



último dia 19 de março de 2008, este livro foi estruturado com base em fontes documentais e orais. É um catálogo onde constam todos os alunos que ingressaram e se formaram no Curso de Museus do MHN, de 1932 a 1978. Inicialmente, foi feito um levantamento minucioso das fichas que compõem os Requerimentos de Matrícula e os Livros de Frequência e Assentamentos de Alunos, registrando, por ano, a entrada de todos os ingressantes. Num segundo momento, foram levantados, também por ano, todos os formandos, recorrendo-se também às mesmas fontes. A parte mais complexa correspondeu ao levantamento de informações referentes à atuação profissional de todos os nomes coletados. Nesta fase, foi elaborada uma busca na Internet na tentativa de obter dados e endereços para posterior contato e solicitação de *Curriculum Vitae*. Inúmeras pessoas foram “descobertas”, algumas já falecidas, através de seus familiares. O livro possui fotografias de formaturas, a maior parte inédita. Quase todas as pessoas retratadas foram identificadas, recorrendo-se, para tanto, às fotografias em formato (3x4), que constam nos Requerimentos de Matrícula (1939/1978), bem como com o auxílio de antigos professores e museólogos, alguns já em idade avançada. Este catálogo é uma importante fonte de informações, inclusive estatísticas, relativas ao perfil dos ingressantes, às reformas curriculares do Curso e à atuação profissional dos museólogos graduados naquele período.

## **5 Considerações finais**

Com um *corpus* teórico bem estruturado e em constante ampliação, a Museologia vem se firmando no campo científico e técnico, tornando importante o desenvolvimento de iniciativas de preservação dos vestígios relacionados à memória da Museologia e dos museus.

O NUMMUS, ao longo destes dois anos de funcionamento, vem se estruturando a partir da idéia de recuperação, preservação e divulgação da memória da museologia brasileira, num primeiro momento voltada especificamente para os profissionais formados pelo antigo Curso de Museus, e, oportunamente, ampliando para os graduados pela atual Escola de Museologia da UNIRIO e demais cursos de graduação.

Apesar de ser um centro de estudo e guarda das referências da área museológica, o NUMMUS abarca as funções primordiais para funcionamento dos museus: preservação, pesquisa e comunicação. E seguindo esta premissa, foi inaugurada no último dia 19 de março a exposição “Memória da Memória: uma Escola de Museologia e uma história da Museologia”, no Espaço Cultural do Centro de Ciências Humanas da UNIRIO, cujo intuito é divulgar para as novas gerações o trabalho de profissionais que há 76 anos vem recuperando, apresentando, representando e encenando a história dos fatos, dos feitos, das personalidades de forma lúdica e afetiva.

O NUMMUS também tem como função premente estabelecer pontes entre as gerações, pois o trabalho desenvolvido pelas gerações anteriores de profissionais de museus ainda não foi devidamente valorizado e conhecido. Finalmente, os conjuntos documentais e as coleções do NUMMUS encontram-se abertas a pesquisadores e estudiosos do tema ou de assuntos relacionados.

---

## Notas

(1) Documento interno e inédito do curso de Museologia/UNIRIO.

## Referências Bibliográficas

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. In: *Caderno de diretrizes museológicas*. 2. ed. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU; Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus, 2006. p. 33-92.

COSTA, Heloisa H. Fernandes Gonçalves da. Material e imaterial: afinal com que patrimônio nos preocupamos? In: GRANATO, Marcus et al. *Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio material*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2007. p. 121-131.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. São Paulo: Editora Globo, 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: CHAGAS, Mario; ABREU, Regina. *Memória e patrimônio - ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: D&A, 2003. p. 21-29.

\_\_\_\_\_. Os museus e a representação do Brasil. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 31, p. 254-273, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Memória social e a instituição museu: reflexões acerca da herança cultural (re)interpretada. *ICOFOM Study Series*, Paris, n. 27, [n.p.], 1997.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Colecionando relíquias... Um estudo sobre a Inspetoria de Monumentos Nacionais (1934-1937)*. 2004. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. *Culto da saudade na Casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional (1922-1959)*. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. *Curso de Museus* (Mandato Universitário). Rio de Janeiro: MHN, 1956.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Atividades do MHN – 1923*. Rio de Janeiro: MHN, 1924. Apresentado ao Ministro do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Atividades do MHN – 1932*. Rio de Janeiro: MHN, 1933. Apresentado ao Ministro do Ministério de Educação e Saúde.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Atividades do MHN – 1935*. Rio de Janeiro: MHN, 1936. Apresentado ao Ministro do Ministério de Educação e Saúde.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Atividades do MHN - 1942*. Rio de Janeiro: MHN, 1943. Apresentado ao Ministro do Ministério de Educação e Saúde.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Atividades do MHN – 1943*. Rio de Janeiro: MHN, 1944. Apresentado ao Ministro do Ministério de Educação e Saúde.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Atividades do MHN – 1951*. Rio de Janeiro: MHN, 1952. Apresentado ao Ministro do Ministério de Educação e Saúde.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Atividades do MHN – 1962*. Rio de Janeiro: MHN, 1963. Apresentado ao Ministro do Ministério de Educação e Saúde.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos. *O conservadorismo a serviço da memória: tradição, museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso*. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, Rio de Janeiro, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. *Estudos Históricos*, v. 10, n. 1, p. 200-212, 1992.

SCHEINER, Tereza Cristina M.. Memória e museu: expressões do passado, visões do futuro. *ICOFOM Study Series*, Paris, n. 27, [n.p.], 1997.

SÁ, Ivan Coelho. Apresentação. In: PITAGUARY, Geraldo. *A lembrança de Ouro Preto continua sempre comigo: memórias de um aluno da primeira excursão do Curso de Museus - MHN em 1945*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006. p. 11-28.

\_\_\_\_\_. História e memória do Curso de Museologia: do MHN à UNIRIO. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 39, p. 10-48, 2007.

SÁ, Ivan Coelho de; SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus – MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2007.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

\* Museóloga, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS), e-mail: galmingal@gmail.com

\*\* Engenheiro metalúrgico e de materiais, D.Sc., Coordenador de Museologia do Museu de Astronomia e Ciências Afins, vice-coordenador e professor do PPG-PMUS (UNIRIO/MAST). e-mail: marcus@mast.br

\*\*\* Museólogo, D.Sc., diretor e professor da Escola de Museologia (UNIRIO) e professor do PPG-PMUS (UNIRIO/MAST). e-mail: ivansamus@gmail.com

O NUMMUS recebe o apoio financeiro do Departamento de Museus do IPHAN, para o desenvolvimento dos trabalhos aqui relatados.